

(1967)

A Adelaide queria tratar de vida.

Acordava com as voltas da Libânia, do outro lado do lençol, a dar papa à menina. A essa hora, o marido da Libânia estava maldisposto, tinha frio nos pés ou insatisfa-
zia-se com miudezas. Seriam umas cinco da madrugada. A Adelaide não precisava de despertador, mas tinha um relógio de pulso, a que dava corda antes de adormecer e que pousava sobre um caixote, à cabeceira do colchão. A Adelaide dizia qualquer palavra sumida antes de tirar o lençol que estava suspenso numa corda, superfície branca de sombras, e que dividia a casa. Às vezes, quando a Libânia lhe pedia, a Adelaide levava a menina à escola ma-
terial antes de ir para casa da patroa.

Seriam umas seis e meia quando abria o portão, a ca-
dela andava solta no jardim e vinha sempre recebê-la, de rabo a abanar. A Adelaide nunca tinha visto uma cadela daquela raça, era uma cadela fina, chamava-se Princesse, mas a Adelaide, baixinho, chamava-lhe Princesa, fazia-lhe festas por detrás das orelhas e dava-lhe a mão a lam-
ber. Em certos dias, ao fim da tarde, a patroa vestia-lhe uma casaca e levava-a a passear. A Adelaide tinha custado a habituar-se a essa moda. A cadela tinha bom pêlo, não precisa de casacas, coitadinha.

Na França, a Adelaide tinha-se admirado com mui-
to. Nunca se esquecia da primeira vez que entrou num supermercado. Imaginou a reacção da velha Lubélia se al-
guma vez visse um supermercado daqueles. De manhã, à chegada, a Adelaide abria as janelas da cozinha da fran-
cesa e começava a preparar o pequeno-almoço, os copi-
nhos de loiça onde enfiava os ovos malcozidos. Quando a francesa e o marido acordavam, quando se sentavam de roupão na mesa posta da sala, um ou outro podiam
chamá-la pelo seu nome em francês e pedir-lhe qualquer

coisa que faltasse. A Adelaide sabia utilizar a máquina torradeira.

A francesa e o marido estavam reformados, na retrainete. Tinham filhos crescidos que moravam nas suas casas e que, em certos domingos, os visitavam, traziam os netos. A Adelaide gostava do cheiro da casa dos franceses. Era ela que comprava os detergentes, mas era a francesa que escolhia os aromas. Esses perfumes misturavam-se com o cheiro próprio dos estofos, das almofadas, das madeiras antigas e das lágrimas de cristal dos candeeiros. A televisão estava sempre ligada e espalhava uma música de vozes, que se diluía pelos corredores, que chegava à cozinha e se confundia com o vapor da panela de pressão, que descia as escadas até à cave e pousava na pilha de roupa suja dentro do cesto. A Adelaide sabia utilizar a máquina de lavar a roupa, não lhe guardava segredos.

Depois do almoço, sopa de courgette, tomates recheados, as horas passavam devagar, mas não havia pressa. Nesse tempo, a Adelaide pensava em muitas coisas, lembrava-se, mas não alimentava queixas. Alimentava os patrões e, depois, alimentava-se a ela própria. Por isso, na noite em que a Libânia lhe falou da biblioteca, ficou com o olhar parado.

Por efeito do mês de junho, aquela noite tinha uma claridade que permitia que se olhassem. Estavam a poucos metros da fonte. Em Saint-Denis, as pessoas faziam uma fila de jerricãs, que, àquela hora, não chegava muito longe. Havia uma gritaria de crianças e, logo ao chegarem à fila, depois de cumprimentarem tantas pessoas no caminho, a Libânia pousou a menina, levava-a ao colo, e disse: quero falar-te de uma coisa. A Adelaide pôs o jerricã no fim da fila e, ao lado dele, avançando-o de tempos a tempos, a Libânia falou-lhe da biblioteca. Era um trabalho de limpezas, fácil, a biblioteca criava pouco lixo. Entrava de

madrugada, saía cedo e ganhava bom dinheiro. A Libânia não podia aceitá-lo porque a barriga já se notava, ia dar à luz no outono, estava com saudades da maternidade e da canja servida em tigelas de alumínio.

Não sejas tontinha, disse a Libânia e acrescentou uma série de palavrões. A Adelaide preferia que a amiga não dissesse tantos palavrões e não queria deixar de servir na casa da francesa, estava bem. Quando chegaram à ponta da fila, foi a Adelaide que dispôs o jerricã por baixo da bica. Em silêncio, ouviram o barulho da água a cair no plástico vazio, depois a encher-se, depois cheio. A Libânia voltou a pegar na menina ao colo, a Adelaide segurou no jerricã com as duas mãos e fizeram o caminho de volta.

As mulheres vinham à porta das barracas chamar os cachopos, esvaíam-se num nome gritado. Tapados por sombras, os homens riam-se em grupos. Aos poucos, o bidonville de Saint-Denis anoitecia finalmente. Essa palavra, bidonville, era conhecida pela Adelaide e por toda a gente, mas ninguém a utilizava. Quando queriam falar do lugar onde moravam, diziam apenas Saint-Denis. Ao longe, ouvia-se um acordeão. Devia ser o Tobias. Era ele, com certeza.

Quando chegaram à porta de casa, a Libânia disse-lhe: Vais ver que a tua patroa não se importa.

A Adelaide tinha medo de perguntar-lhe, tinha medo que se amofinasse e a dispensasse na hora mas, nessa noite, antes de dormir, quando saiu para apanhar uma combinação que tinha deixado pendurada a secar, o marido da Libânia estava a fumar um cigarro e tornou a segurá-la pela cintura, o seu hálito picava. Na manhã seguinte, juntou as palavras que conhecia e, com o rosto baixo, perguntou à francesa se podia aceitar o trabalho da biblioteca. Ia deixar de lhe fazer o pequeno-almoço. O coração acalmou-se com o sorriso que recebeu. A Adelaide compreendia-a

mal, mas sabia que era uma mulher correcta, a retraite tornava-a generosa.

Nesse mesmo dia, às seis da tarde, despegou mais cedo, fez o caminho no sentido da biblioteca. A França tinha carreiras finas, mas complicadas de entender, e a Adelaide perdeu-se. Acabou por achar o caminho com a ajuda de um português que a viu desorientada num passeio. Apresentou-se quase antes de fechar e, na madrugada seguinte, quinta-feira, já estava diante da biblioteca, portas de vidro, pronta para despejar cestos de papéis e limpar todo o pó que encontrasse.